

Robert Wright. *O animal moral: Por que somos como somos. A nova ciência da psicologia evolucionista.* Rio de Janeiro, Campus, 1996, 416 pp.

Lilia Moritz Schwarcz¹
Depto. de Antropologia/USP

Dizem os historiadores da Grécia Clássica que Platão, quando instado a refletir sobre as guerras civis que então ocorriam, retomou os conselhos de Sócrates e lançou mão de uma fábula, feita para o mundo dos adultos. Segundo o filósofo, os homens se dividiriam em três classes distintas. Em primeiro lugar estariam os homens de cobre, que, moldados com o vil metal, eram mais próprios para o trabalho manual, o que explicaria a existência de tão grande número de artesãos. A seguir, os homens de prata, que, em função de seu material mais frágil, estariam afastados do trabalho pesado: seriam os legisladores. Por fim, os homens de ouro representariam a nata de qualquer nação e comporiam o grupo seletivo dos que governam e lideram.

No entanto, Platão sabia que nesse momento criava uma pequena história e, portanto, a entendia como uma alegoria, um modelo, e não como uma explicação imediata da realidade.

Foram diferentes os homens do século XIX, que não só inventaram um mito particular, como também lhe deram estatuto de verdade. A partir desse contexto, montava-se o domínio de uma ciência positiva e determinista da qual somos ainda herdeiros. Marcados pelo domínio da biologia, esses “homens de ciência” apostaram todas as suas fichas na idéia de que o “reino da cultura” seria tão objetivo e aferível como o “reino da natureza”. Com efeito, foi E. Durkheim quem buscou, com *As regras do método sociológico* (1895), não só provar a especificidade das ciências da humanidade – em relação à biologia e à psicologia –, como também entender os fatos sociais como “coisas”, exteriores e coercitivos em relação ao indivíduo.

Não é hora, nem lugar, de analisar a obra do “pai da moderna sociologia”, mas antes de considerar o impacto dos modelos biológicos – do ver para crer – em todo o pensamento ocidental. Com efeito, com sua linguagem

fácil e acessível, *A origem das espécies* (1859) transformava-se em um paradigma de época, sendo relido e aplicado a outras áreas do conhecimento. Conceitos como sobrevivência do mais forte, competição pela vida, entre tantos outros, saem da biologia para ganhar outros campos como a psicologia, a antropologia, a química, a sociologia e a política, só para ficarmos com os exemplos mais imediatos.

Spencer traduziu os termos para o domínio dos homens e das sociedades, e teóricos do darwinismo social – como Gobineau, Renan e Taine – tentaram estabelecer correlações fixas entre aspectos biológicos e culturais. Aí estaria a prova de que a raça seria um elemento fundamental na aferição das potencialidades das diferentes sociedades.

No entanto, já em sua época Darwin recuara em falar da espécie humana. Diz Stephen Jay Gould que seu alheamento nessa área era evidente, sendo que quando soube que o livro *O capital*, de Karl Marx, teria sido a ele dedicado, declinou alegando desconhecer seu autor. Ironias à parte, não parece que o deslize seja acidental, ou mesmo intencional, ao menos no sentido que afirma Robert Wright, autor de *O animal moral*. Na verdade, Darwin abriu mão desse vasto campo – a humanidade e a produção cultural –, talvez por desconhecimento ou, então, por excesso de conhecimento. Afinal, no reino da cultura as diferenças são maiores que as homogeneidades.

Mas enfim, o sucesso de Darwin foi tal que ultrapassou a barreira de seu século e passou a iluminar teorias e teóricos contemporâneos, que se converteram em um séquito fiel de seguidores. Com efeito, diante da irregularidade dos fatos sociais, e sobretudo diante dos males e das inseguranças próprios deste *fin de siècle*, nada como uma ciência que prometa um futuro predeterminado e comportamentos previsíveis.

De alguma maneira, o livro de Wright enquadra-se nesse grupo de textos. Mais comportado que o famigerado *The Bell Curve* (1995), que tanto barulho e fascínio provocou – já que procurava vincular graus de inteligência às condições biológicas dos diferentes grupos étnicos –, *O homem moral* é sem dúvida competente e politicamente correto: mesmo porque não visa o ataque a um segmento delimitado.

Resumindo em poucas palavras, trata-se de um manual darwinista, no mais amplo sentido do termo. O livro não só resume a vida de Darwin, como também faz do exemplo de seu destino um modelo para todos. Seja por meio

de sua garra profissional – o famoso olho por olho –, seja na sua potencialidade de fazer filhos e de vencer na vida, na análise de sua modéstia ou não, Darwin era mesmo “um grande animal” (269).

Mas nada como uma boa citação para que se perceba o estilo de Wright. Em certa passagem, o autor relata a disputa que se estabeleceu entre Wallace e Darwin. Na verdade, Darwin percebeu que deveria publicar suas teorias antes que outros o fizessem. Foi, então, que sua reação, segundo Wright, não se fez esperar: “O pânico que deve ter engolfado Darwin naquele dia é um tributo à fertilidade dos recursos da seleção natural” (261). A análise da competição com Wallace surge, portanto, como uma paródia das características seletivas com que a evolução nos dotou, e Darwin se transforma em uma espécie de vítima de sua própria teoria.

Discutindo com uma antropologia dos anos 1910 e com uma psicologia dos 40, Wright torna nebuloso e caricato os termos do debate. Ianomami viram um valor guerreiro e a própria obra de Darwin surge de forma pouco nuançada. Foi no livro *The descent of man*, escrito em 1871 – portanto doze anos após sua grande obra –, que Darwin arriscou-se a falar dos “sentimentos morais”. É interessante notar, porém, que, considerado na época um livro menor (já que repetia e arriscava noções, nesse caso, pouco comprovadas), é hoje alçado à bíblia da psicologia darwinista.

Na verdade, Wright intercala episódios da vida de Darwin e conclusões sobre o determinismo biológico, com o intuito de provar que nada há de particular em nossos comportamentos: tudo está previsto – há mais de um século – pela biologia. Em tempos de insegurança um bom livro é aquele que diagnostica homogeneidade e um destino – no limite – feliz porque previsível.

Se, de fato, *O homem moral* traz um bom apanhado sobre a vida e a teoria de Darwin, não há como negar os impasses do modelo que Wright seleciona. Afinal, o determinismo biológico ou “a psicologia evolucionista” (como quer o autor) – mesmo em finais do século XX – são teorias de limites rígidos. Foi Stephen Jay Gould quem, em *A falsa medida do homem* (1981), alertou para a popularidade crescente desses modelos darwinistas em períodos de retrocesso político.

Argumentos como agressividade inata, as escolhas seletivas do macho, as manifestações competitivas de moral e de justiça, na verdade confundem preconceitos sociais com fatos culturais. É um mito da sociedade contemporânea

supor que a ciência é um empreendimento objetivo, longe dos condicionantes culturais e capaz de encarar o mundo em suas dimensões reais.

Às vezes um bom recurso é voltar aos clássicos. J. Jacques Rousseau, no *Discurso sobre a origem e o fundamento da desigualdade entre os homens* (1775), destacou duas grandes características que fariam dos “homens, homens”: a identidade e a perfectibilidade. A identidade de entender um outro “o mais outro”, que leva à nossa própria transformação, e a perfectibilidade, essa capacidade que temos de dizer não à natureza.

Marcados por uma espécie de via de mão dupla, seria um atributo humano decidir entre o vício e a virtude. Modelo para bem pensar, a perfectibilidade singularizaria aos homens, dando-lhes um papel especial, que só fazemos repetir. Como diz o antropólogo Levi-Strauss, pouco importa perceber quando o homem imita a natureza, melhor é aprender quando trapaceia e se transforma em seu duplo.

O homem é um animal, ao mesmo tempo e irremediavelmente biológico e cultural. Não basta, como faz Wright, comparar de forma isolada o comportamento humano à reação das galinhas e das abelhas. Algo ocorreu em determinado momento da evolução que fez dos homens animais que não apenas dão risada, mas sabem porque riem, que simbolizam e introduzem uma gama infundável de interpretações e de respostas culturais no cenário mundial.

Tal qual um bom xamã, Wright oferece: “Receitas novas e otimistas que consigo colher no novo paradigma darwiniano”. Ora, se o mundo fosse tão previsível, com certeza já teríamos achado o antídoto para tantos males. O problema moral, é pena, não se resume à biologia. Como dizia Durkheim, “a sociedade não é a soma dos indivíduos”, não repete, portanto, nem as excêntricas dos indivíduos isolados, nem, tampouco, as regularidades da biologia. Sua pluralidade traz, por certo, insegurança, mas é também nossa mais profunda riqueza.

1 Autora de *Retrato em branco e negro* e de *O espetáculo das raças*, ambos editados pela Companhia das Letras.